

# A agricultura familiar à mesa

Saberes e práticas da alimentação  
no Vale do Taquari

---

Renata Menasche  
*Organizadora*

  
**UFRGS**  
EDITORA

SÉRIE  
estudos e pesquisas  
**iepe**

## Agriculturas familiares: práticas agrícolas, autoconsumo e modos de vida entre colonos e quilombolas

Alexandre Daros  
Evander Eloí Krone  
Everton Mundeleski  
Renata Menasche

Este artigo apresenta um estudo focado nos moradores da localidade de São Roque, situada no município de Arroio do Meio, Rio Grande do Sul. Essa localidade distingue-se das demais da região do Vale do rio Taquari porque nela, além de habitarem famílias rurais descendentes de imigrantes europeus, encontra-se uma comunidade identificada como remanescente de quilombo.<sup>1</sup>

Cabe comentar que o termo *colono* tem sua origem na administração colonial: “para o Estado, eram colonos todos aqueles que recebiam um lote de terras em áreas destinadas à colonização” (Seyferth, 1992, p.80). A apropriação da categoria administrativa pelos agricultores de origem europeia como definidora de sua identidade se daria, explica a autora, com a exclusão daqueles chamados *caboclos* ou *brasileiros*. Assim, para Seyferth (1992, p.80), “colono é a categoria designativa do camponês... e sua marca registrada é a posse de uma *colônia*... a pequena propriedade familiar”.

Já o termo *quilombo*, tendo sido, em 1740, definido pelo Conselho Ultramarino, “vem sendo ressemantizado para designar a situação presente dos segmentos negros em diferentes regiões e contextos do Brasil” (O’Dwyer, 1985 apud Anjos; Silva, 2004, p.28). Como destaca a Associação Brasileira de Antropologia (ABA, 1996 apud Anjos; Silva, 2004, p.10),

---

<sup>1</sup> Ver Rubert (2005).

o termo “quilombo” tem assumido novos significados na literatura especializada e também para indivíduos, grupos e organizações. [...] Exemplo disso é o termo “remanescente de quilombo”, utilizado pelos grupos para designar um legado, uma herança cultural e material que lhes conferem uma referência presencial no sentimento de ser e pertencer a um lugar e a um grupo específico.

No contexto em que estão, então, presentes colonos e quilombolas, esse estudo pretende identificar algumas das diferentes estratégias de reprodução social adotadas por uns e outros, observando como se relacionam os dois grupos étnicos e analisando o peso da produção de alimentos voltada ao autoconsumo, bem como a participação das rendas agrícola e não-agrícola na composição da renda total dessas famílias rurais. Os dados foram coletados em pesquisa de campo realizada durante o período compreendido entre abril e maio de 2005, a partir de formulários aplicados junto a dezessete famílias, entrevistas e observação participante.

## SÃO ROQUE

A localidade de São Roque está situada a três quilômetros da rodovia RS 130 e a cerca de quinze quilômetros da sede do município de Arroio do Meio. Nela residem 27 famílias, sendo que dessas, quatorze são descendentes de imigrantes europeus (italianos e alemães) e treze constituem o grupo de famílias negras pertencentes à comunidade remanescente de quilombo de São Roque.

Acredita-se que as famílias Ponísio e Locatelli tenham sido as primeiras que, no final do século XIX, passaram a viver em São Roque. Segundo Rubert (2005), a constituição da comunidade negra de São Roque teve início na década de 1920, com a compra de uma área de 24,4 hectares pelo ex-escravo Alcides Geraldo da Silva e sua esposa, Maria da Glória de Souza. O casal teria tido treze filhos, sendo que quatro deles permaneceriam vivendo na localidade. A área originalmente adquirida encontra-se ainda hoje em nome dos filhos, netos e bisnetos do patriarca da família Sil-

va, sendo que alguns de seus descendentes recentemente adquiriram, a partir do programa Banco da Terra, outras pequenas áreas de terra próximas.

Segundo relatos de seus descendentes, Dona Maria da Glória teria falecido há cerca de 40 anos, aos 60 anos, enquanto que seu Alcides teria falecido em 1980, aos 113 anos. Nascido em local desconhecido de seus descendentes, seu Alcides teria vindo ao mundo em 1867, na condição de cativo, poucos anos antes da promulgação da Lei do Ventre Livre, que se daria em 1871. Em dezembro de 1884, quando a escravidão deixava de existir no Rio Grande do Sul (Flores, 2003), seu Alcides, então com 17 anos, passaria à condição de negro liberto.

Os moradores da comunidade negra entrevistados contam que seu Alcides dedicava boa parte do tempo às atividades de curandeiro, que lhe teriam rendido a alcunha carinhosa de Vô Teobaldo. Conforme depoimento da menina Marciane Fátima da Silva – uma das netas de seu Alcides, moradora de São Roque –, publicado em um livro que reuniu histórias sobre Arroio do Meio escritas por crianças, Vô Teobaldo foi um curandeiro de renome na comunidade.

Antigamente meu avô era médico e curandeiro. O seu meio de transporte era um cavalo. Ele viajava vários quilômetros para atender os doentes em suas próprias casas. A maioria das curas que ele realizava era através da fé e de ervas. Ele curava papos, paráliticos, pessoas com amarelão e muitas outras doenças contagiosas. (In: Rizzi, 2001, p. 62)

Atualmente, também os moradores da comunidade negra de São Roque habitam casas de alvenaria ou madeira e têm acesso a energia elétrica e água encanada. Mas essas condições de moradia são recentes, proporcionadas por programas públicos que, nos últimos anos, vêm tendo moradores de comunidades remanescentes de quilombo como beneficiários. Antes, como narra uma entrevistada, essas famílias viviam em casas construídas com capim, pedra e barro.

Na localidade há o salão comunitário, o prédio em que funcionava a escola e uma pequena padaria, que comercializa pães e bis-

coitos. O transporte dos moradores entre a localidade e o exterior se dá em carros particulares ou via o ônibus escolar. O trânsito de veículos apenas é possível até determinado local, pois a estrada que segue além desse ponto encontra-se em péssimas condições, impossibilitando o tráfego de veículos até as moradias de três das famílias da comunidade negra.

A escola de São Roque encontra-se desativada, sendo o prédio hoje utilizado para a realização de cultos religiosos, católicos. Dadas as desavenças entre os dois grupos, os membros da comunidade negra têm reduzido sua frequência a esses encontros, afirmando, ao mesmo tempo, pretender erguer uma igreja ou capitel em local próximo ao núcleo da comunidade negra, situado no topo do morro São Roque. Além do catolicismo, exercido por euro e afrodescendentes, a prática da umbanda está presente entre moradores da comunidade negra.

Também o salão comunitário encontra-se praticamente desativado, uma vez que as festas – a maior delas, em que costumavam reunir-se todos os moradores de São Roque, era realizada a cada ano, em comemoração ao dia do padroeiro da localidade –, reuniões do Clube de Mães e outras atividades que agregavam moradores dos dois grupos étnicos já não encontram condições para sua realização. Entre colonos e quilombolas, atualmente o ambiente não é propício a confraternizações.

#### PRODUÇÃO, AUTOCONSUMO E RENDA

Dada a insuficiência da renda obtida a partir da comercialização da produção agrícola, entre as famílias rurais da localidade estudada assumem significativa importância as rendas não-agrícolas, provenientes de trabalho em outra atividade na própria localidade (extração de pedras de basalto, atualmente realizada clandestinamente), ou de empregos urbanos (principalmente em fábricas de calçados), ou de aposentadorias, ou ainda de programas sociais (bolsa escola e bolsa família).

Durante muito tempo, as famílias da comunidade negra de São Roque não precisaram recorrer a ocupações urbanas para complementar sua renda. Sua economia estava fortemente alicerçada na produção de carvão, a partir de madeira extraída das matas das redondezas. Também a extração de lenha tinha relevância enquanto fonte de renda para essas famílias, bem como a extração de basalto, realizada nas diversas pedreiras existentes na localidade.

Atualmente, dada a fiscalização de órgãos de proteção ambiental – a área é considerada de preservação permanente (APP) –, as atividades extrativas foram praticamente abandonadas. Com isso, reduziu-se intensamente a renda das famílias rurais da localidade, o que é especialmente sentido pelas famílias da comunidade negra, que dispõem de exíguas áreas de terra para cultivar.

Em São Roque, as propriedades são pequenas, mas as áreas de terra dos moradores da comunidade negra são ainda menores do que as dos colonos: enquanto que para estes o tamanho médio das propriedades é de 14 hectares, aqueles dispõem por família de apenas cerca de 3 hectares. Desse modo, como pode ser observado na Figura 1, temos que para as famílias rurais da comunidade negra as rendas não-agrícolas são ainda mais significativas na composição da renda total do que o são para os colonos.

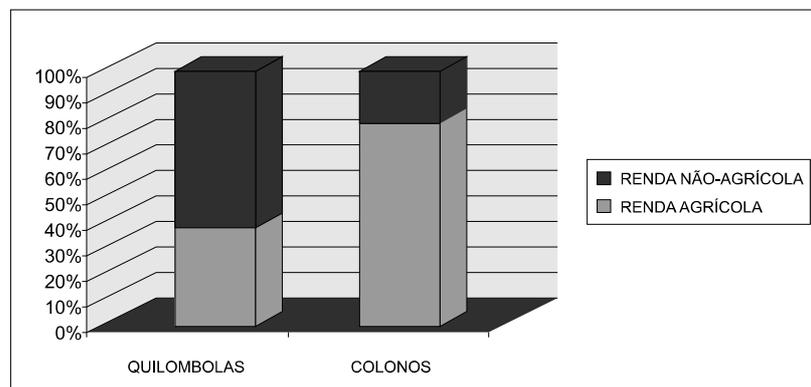


Figura 1: Participação das rendas agrícola e não-agrícola na composição da renda total das famílias estudadas.

No que se refere às espécies cultivadas, apesar da expressiva diferença no tamanho das áreas de terra, de modo geral há semelhança entre as famílias rurais euro e afrodescendentes, sendo milho, aipim e feijão os principais itens.

Observa-se que as famílias da comunidade negra costumam reservar pequenas parcelas para o cultivo de produtos relacionados a hábitos alimentares herdados. Assim, é comum destinarem pequenas porções de terra ao plantio de amendoim, produto largamente utilizado em sua culinária. Pratos como a paçoca e a farinha-de-cachorro (preparada a partir de amendoim torrado e partido, farinha de mandioca e açúcar) são consumidos seguidamente. Vale mencionar que também a farinha de mandioca é bastante apreciada pelos afrodescendentes, porém, conforme relatam, dada a intensidade de trabalho demandada em sua preparação, não é produzida por eles, sendo adquirida em mercados da região. Do mesmo modo, são muito valorizadas a polenta de leite (em que a água, utilizada no preparo à moda italiana, é substituída por leite) e a canjica, sendo a última consumida mais frequentemente.

Eu adoro churrasco, mas não é sempre que dá prá fazer. Aí nós comemos muita paçoca. Nós preparamos ela no pilão, como antigamente. Nós comemos muita paçoca e canjica. No Dia de Todos os Santos, nós só comemos essas comidas que eram por nós aqui feitas no passado, prá homenagear os santos. (moradora da comunidade negra)

Ainda que se dediquem basicamente ao cultivo das mesmas espécies, nem sempre os agricultores euro e afrodescendentes o fazem do mesmo modo. No cultivo de aipim e de batata-doce, enquanto que os colonos costumam, antes do plantio, arar o solo, os agricultores da comunidade negra não o fazem, preferindo, com enxadas, formar pequenos montes de terra, em que serão depositadas as ramas. Segundo contam, essa prática é antiga na comunidade negra, que por muito tempo não dispunha de arados ou animais de tração. Atualmente,

mesmo dispondo dos implementos e animais necessários à aração, esses agricultores preferem não realizá-la no preparo do solo para o cultivo de aipim ou de batata-doce, por considerarem que, cultivando-os como sempre o fizeram – e ainda que assim despendendo mais trabalho –, obtêm maior rendimento e qualidade em sua produção.

Entre os moradores da comunidade negra, acredita-se que os santos exerçam forte influência no desenvolvimento de espécies cujos frutos crescem fora da terra, como melancia, melão, pepino e abóbora. É assim que, naquela comunidade, a cada 1º de novembro, Dia de Todos os Santos, os agricultores se dedicam intensivamente à semeadura desses itens.

No que se refere à produção animal, também são observadas semelhanças entre colonos e quilombolas, que criam porcos, vacas e galinhas. No entanto, diferentemente do que ocorre entre os colonos, algumas famílias da comunidade negra criam cabras, hábito antigo, segundo relatam, sendo o leite produzido destinado ao autoconsumo. Ainda, alegando falta de recursos para investimento em instalações ou a presença de predadores nas matas próximas às propriedades, algumas famílias, de ambos os grupos étnicos, abstêm-se de manter quaisquer criações.

Se a diferença no tamanho das áreas de terra em que os dois grupos praticam atividades agrícolas não os distingue significativamente no que se refere às espécies vegetais e animais produzidas, temos que o mesmo não ocorre no que diz respeito ao destino dessa produção. Como pode ser observado na Figura 2, enquanto que para os colonos a maior parcela da produção agrícola é destinada à comercialização, para as famílias da comunidade negra sua principal importância está no autoconsumo.

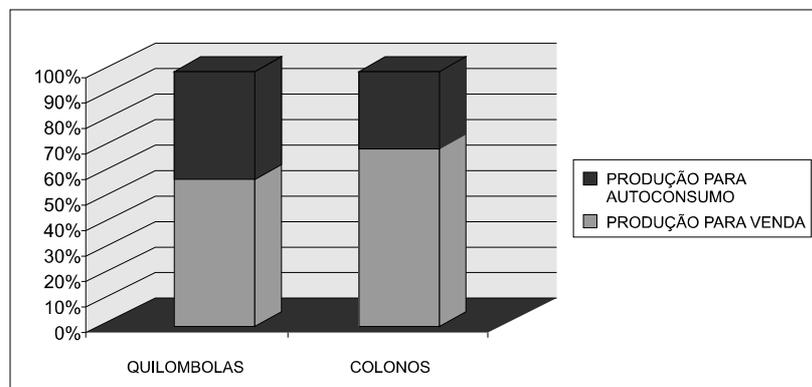


Figura 2: Participação das produções destinadas à venda e ao autoconsumo na produção total das famílias estudadas.

Milho e leite (de vaca) são, em escalas diferenciadas, comercializados por agricultores dos dois grupos. Os colonos comercializam, ainda, soja, ovos, nata e queijo, enquanto que os quilombolas vendem pequenas quantidades de feijão, aipim e carne. A produção de leite é, segundo depoimentos, considerada a mais vantajosa entre os itens comercializados, seja pela rentabilidade que proporciona, seja por ser uma renda constante durante o ano ou, ainda, por não necessitar ser transportada pelos produtores, uma vez que a empresa que beneficia o produto realiza a coleta.

A renda total de quase todas as famílias da localidade estudada é pequena, o que indica a importância para sua manutenção da produção de alimentos voltada ao autoconsumo que, aliada às rendas não-agrícolas – e aí vale destacar a significativa participação das aposentadorias –, parece assegurar a permanência dessas famílias no meio rural.

#### BRANCOS, NEGROS E *CARAMBOLAS*

Embora não muito comuns, pode-se observar, entre os moradores euro e afrodescendentes de São Roque, a existência de laços de compadrio. Na comunidade negra, pode-se verificar que

alguns casais são constituídos tendo como um de seus membros homem ou mulher de origem alemã ou italiana. Esse tipo de casamento interétnico reflete um processo relativamente recente, dado que esses são casais mais jovens, na faixa etária compreendida entre 20 e 40 anos. Cabe, ainda, observar que os descendentes de imigrantes de origem europeia que compõem esses casais são, na maior parte das vezes, oriundos de outras localidades próximas, não de São Roque.

Esses casamentos aprofundam, na comunidade negra, a adoção de costumes da população envolvente, o que pode ser notado, por exemplo, em seus hábitos alimentares, que incorporam pratos característicos das culinárias italiana e alemã, como a polenta e a cuca.

A partir dos laços matrimoniais, os(as) esposos(as) de descendência europeia passam a ser reconhecidos(as) pelos membros da comunidade negra como pertencentes ao grupo. Do mesmo modo, identificam-se como tal. É o que pudemos observar por ocasião de uma reunião que tivemos oportunidade de presenciar, quando, em um dos momentos acalorados do debate, enquanto circulava entre os presentes uma cuia de chimarrão e um prato com fatias de uma deliciosa cuca, a esposa eurodescendente de um dos sucessores do ex-escravo Alcides Geraldo da Silva diria “eles, os brancos”.

O motivo do encontro, animado por membros de uma Organização Não-Governamental (ONG) que se dedica ao reconhecimento e fortalecimento de comunidades remanescentes de quilombo e por técnicos da empresa oficial de assistência técnica e extensão rural, a Emater, era a criação de uma associação dos moradores da comunidade negra. O tema da afirmação de sua identidade perpassava os debates, uma vez que o que estava em questão era a constituição formal de um grupo que reunisse apenas as famílias da comunidade negra, que historicamente sempre foram parte da comunidade de São Roque, que agrega o conjunto das famílias da localidade, euro e afrodescendentes.

Ainda que as famílias dos dois grupos étnicos pertencessem a uma mesma comunidade, as diferenças sempre foram marcadas. É

o que podemos notar a partir dos trechos de depoimentos de duas moradoras da comunidade negra, reproduzidos a seguir, em que é expresso o ressentimento diante de atos discriminatórios praticados por membros do outro grupo.

Quando tinha festa ali no salão, as nega não podiam fazer massa, limpar saladada. As mãos das nega serviam só pra varrer e passar pano. Teve vez que chegaram a contratar gente lá de Palmas [localidade próxima, constituída por famílias de colonos] prá ajudar a fazer a comida, sendo que nós também moramos aqui e podíamos ajudar. Mas não, as mãos de nego não prestavam. [...] Outra vez, todas as mulheres da comunidade iam no grupo de mães, lá no salão... Ensinararam a pintar pano de prato, depois que cada uma tinha pintado o seu, elas iam organizar uma mostra dos panos pintados... num almoço que ia ter. As branca tinham aprendido das revistas outros tipos... mas não mostraram prá nós. Uns dias antes do almoço, as nega foram, tudo faceira, levar os panos, prá depois elas organizar. E não é que no dia do almoço tinham sumido com os panos das nega? [...] Depois desse dia, nós falamos prá... nem mais ir lá.

Antigamente, o pai ia, de vez em quando, lá no bar, bater um pandeiro. Uma vez ele e o mano começaram a tocar juntos, o pai batia pandeiro e o mano acompanhava com a gaita. Foi que foi que eles foram deixando o pai de lado, prá deixar lugar prá uns homens de Palmas, que começaram a vir aqui tocar violão e gaita. Depois disso, o pai não conseguiu mais tocar o pandeiro dele ali embaixo.

A forma como as diferenças sempre estiveram presentes na convivência entre os dois grupos étnicos fica evidente também no trecho de depoimento reproduzido a seguir, de uma colona, que lembra, a partir de seu ponto de vista, a anteriormente mencionada exclusão dos músicos negros do ambiente comunitário.

Uma vez, eles [os negros] pegaram a diretoria [da comunidade]. Era festa e festa! Tinha uma dupla que tocava gaita e pandeiro. Um fiasco, aquele batuque! Depois nós [os brancos] conseguimos a diretoria de novo. Aí eles pararam.

Nos últimos tempos, com a atenção – até então inexistente – que passaram a receber os moradores da comunidade negra de São

Roque por parte de instituições públicas e outras, decorrente das recentes políticas públicas dirigidas às comunidades remanescentes de quilombo, as rivalidades entre os dois grupos parecem estar sendo atualizadas.

Nós já moramos numa casa de capim com pedra e barro. Nós não somos acostumados a usar calçado, a minha mãe criou nós de pé descalço. Eles [os brancos] não admitem que nós, os negros, possamos ter uma casa melhorada, um banheiro dentro de casa, uma ordenhadeira... Prá eles, nós ainda devíamos estar morando em casa de palha, tomando sol no lombo". (moradora da comunidade negra)

As famílias da comunidade negra foram beneficiadas por programas dos governos estadual e municipal, que lhes propiciaram realizar melhorias nas habitações, construir banheiros de alvenaria e adquirir equipamentos utilizados na produção agropecuária.

Agora que são identificados e identificam-se como quilombolas – ou *carambolas*, termo utilizado no trecho de depoimento reproduzido abaixo, comumente empregado por vários outros entrevistados, euro e afrodescendentes –, os moradores da comunidade negra de São Roque ascenderam ao estatuto de beneficiários de políticas públicas, atenção que parece despertar entre os colonos, também pobres, o sentimento de exclusão.

Agora é esse negócio de carambola pra lá, carambola pra cá. Parece que a gente não é mais nada. A Prefeitura, a Emater, agora essa gente de Porto Alegre [ONG], cada pouco estão lá. E nós aqui, não recebemos mais nada! (colono)

## REFERÊNCIAS

ANJOS, José Carlos Gomes dos; SILVA, Sérgio Baptista da (org.). *São Miguel e Rincão dos Martimianos: ancestralidade negra e direitos territoriais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FLORES, Moacir. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ediplat, 2003.

RIZZI, Lourdes Maria Gaspar Otto (coord.). *Histórias que são vidas*. Arroio do Meio: Secretaria de Educação e Cultura, 2001.

RUBERT, Rosane A. *Comunidades negras rurais do RS: um levantamento socioantropológico preliminar*. Porto Alegre: RS Rural, 2005.

SEYFERTH, Giralda. As contradições da liberdade: análise de representações sobre a identidade camponesa. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, 18, 1992.